



**X COLÓQUIO  
INTERNACIONAL**  
"Educação e Contemporaneidade"  
22 a 24 de Setembro de 2016  
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

## **INFOGRÁFICOS COMO DISPOSITIVO PARA PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL ON-LINE**

CARLOS JORGE DA SILVA CORREIA

ANAMELEA DE CAMPOS PINTO

EIXO: 14. TECNOLOGIA, MÍDIAS E EDUCAÇÃO

**Resumo:** O presente artigo configura-se como relato de uma pesquisa educacional em andamento a qual articula o campo da Educação Ambiental ao das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) para discutir estratégias pedagógicas para práticas educativo-ambientais na rede social Facebook. A princípio, realiza-se uma breve revisão bibliográfica sobre infográficos. Posteriormente, empreende-se o relato propriamente dito de alguns percursos teórico-metodológicos da pesquisa em educação ambiental que pretende usar tais recursos gráficos como dispositivo em uma comunidade de aprendizagem on-line sobre meio ambiente.

**Palavras-chave:** Infográficos, Comunidade de Aprendizagem, Educação Ambiental, Facebook.

**Abstract:** This article appears as a report about an educational research in progress which, by articulating the field of environmental education to the Information and Communication Technologies (ICT), intends to discuss teaching strategies for educational and environmental practices in the social network Facebook. At first, we made a brief literature review on infographics. Later, the report about some theoretical and

## **methodological paths of research in environmental education that intends to sustain how we plan to make use of infographics in the context of a learning community on-line about the environment.**

**Keywords:** Infographics, Learning Community, Environmental Education, Facebook.

1 Introdução Há a máxima de que as imagens dizem muito mais que as palavras, entretanto não estamos afirmando com isso que foram as palavras que tenham perdido a força dos seus significados. Na verdade, acreditamos que foram as imagens que avançaram em nosso viver graças, sobretudo, aos avanços tecnológicos das ferramentas de produção e edição de recursos visuais. Dito de outro modo, é inegável o fato de que as imagens são cada vez mais potentes na tarefa de comunicar ideias. Assim sendo, a questão a se fazer aqui, desde o nosso ponto de vista de educadores, envolve pensarmos sobre as implicações desse contexto para as nossas práticas educacionais, de modo que perguntamos: Temos nos preocupado com o empoderamento dos sujeitos com os quais lidamos no sentido de que possam fazer uma leitura crítica das imagens que povoam o mundo contemporâneo?

Neste texto, estamos exatamente interessados em refletir sobre esse questionamento, tencionando-o dentro do cenário do uso potencial das tecnologias na Educação em geral e na Educação Ambiental em particular. Deste modo, em termos ainda mais específicos, iremos buscar tecer, aqui, reflexões sobre os infográficos e algumas possibilidades de seus usos, especialmente os de caráter pedagógico. Com isso, pretendemos sustentar outras e mais amplas considerações acerca de como planejamos lançar mão desses recursos visuais em uma pesquisa que almeja promover práticas inventivas de educação ambiental on-line. 2 Metodologia O presente artigo apresenta-se como relato de uma pesquisa educacional em andamento que, ao articular o campo da Educação Ambiental ao das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), propõe-se a discutir estratégias pedagógicas para práticas educativo-ambientais na rede social Facebook. De início, realiza-se uma breve revisão bibliográfica sobre infográficos. De acordo com Lima e Mioto (2007, p. 40), a pesquisa bibliográfica “possibilita um amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção, ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto”. Em nosso caso, esta etapa mostrou-se fundamental, dado que a discussão teórica sobre usos pedagógicos de infográficos ainda é escassa. Posteriormente, empreende-se o relato propriamente dito de alguns percursos teórico-metodológicos da pesquisa em educação ambiental que discutimos sucintamente neste artigo. 3 O que são infográficos?

E como eles vêm sendo usados em geral e na Educação Ambiental em particular?

A palavra infográfico tem origem no inglês e é uma tradução de “infographics” que, por sua vez, trata-se de uma síntese da expressão igualmente inglesa “information graphics” (LANKOW,

RITCHIE e CROOKS, 2012). Infográficos são, portanto, recursos que “por meio de gráficos estatísticos, mapas e esquemas, bem como a partir de ferramentas estáticas ou interativas que um determinado público pode usar para explorar, analisar e estudar conjuntos complexos de dados” (CAIRO, 2011, p. 13). Nesse sentido, de acordo com Sancho (2010), a infografia aliada ao suporte digital das TIC representam um avanço significativo na produção de sentidos para textos publicados em jornais e revistas, por exemplo, sem contar que há um evidente potencial educacional nestes recursos gráficos uma vez que eles auxiliam a esclarecer fatos e fenômenos sobre os quais se deseja discutir. Colle (2010), por exemplo, ao analisar a infografia do jornal "El Mercurio" (Chile), verificou que os artigos deste meio de comunicação frequentemente recomendam aos seus leitores que vejam infográficos sobre o assunto que está sendo discutido no próprio corpo dos textos. Ainda que nem sempre esses elementos possuam representações iconográficas, alerta o autor (op. cit.), que verificou no jornal tanto elementos textuais com formatações diferenciadas quanto gráficos e tabelas com apelos visuais sendo anunciados como infográficos. De qualquer sorte, isto por si só demonstra uma compreensão ampla do jornal acerca do conceito de infografia e, sobretudo, aponta para a emergência de um cuidado cada vez maior com a dimensão estética da informação. Por outro lado, mesmo em tempos de conectividades múltiplas e intensas há muito o que se avançar nos usos dos infográficos em termos qualitativos, especialmente no que se refere à interatividade. É isto o que nos falam Herrero-Solana e Rodríguez-Domínguez (2015) ao analisarem as características da infografia e dos recursos de visualização de dados de jornais espanhóis como "El País", "El Mundo", "Marca" e "El Correo". Para esses autores (op. cit.), ainda que pese a crescente inserção de infográficos nesses periódicos, a concepção destes elementos gráficos tem correspondido muito mais às finalidades ilustrativas que propriamente à intenção de promover uma compreensão ampla das questões que eles buscam contextualizar. Trazendo essa preocupação para o campo da educação, no qual estamos inseridos, é realmente fundamental não perdermos de vista a intencionalidade pedagógica de qualquer que seja o recurso da qual venhamos a nos valer, como é o caso dos infográficos. Em outras palavras, é essencial que ao serem usados em práticas educacionais os infográficos tenham, para além da sua dimensão estética, uma igual base conceitual, segura e ampla. Assim, acreditamos que se cumprirmos com boas soluções técnicas essas duas vertentes, a estética e o conteúdo, teremos a nossa disposição infográficos que podem ser recursos educacionais potentes. Minervini (2005), por exemplo, afirma-nos que ao trabalhar com infografias, que foram bem recebidas pelos estudantes, a aprendizagem e a curiosidade deles pelos temas tratados foram ampliadas: “esta experiência gerou nos alunos e alunas um grande interesse por continuar empregando infográficos para o estudo de temas complexos” (p. 9). Já os docentes, ainda segundo a autora (op. cit.), mesmo reconhecendo a eficácia dos recursos de infografia, que foram utilizados em sala de aula, demonstraram preocupação em como dar seguimento a este trabalho, pois não tinham

conhecimento de onde buscar outros infográficos para seguir usando no planejamento de suas aulas. Nas entrelinhas dessa queixa feita pelos professores, podemos inferir, dentre outras coisas, que há uma certa escassez de saberes pedagógicos para lidar com os infográficos enquanto estratégia didática, afinal de contas, diante da ausência material desses elementos os entrevistados sequer mencionam a possibilidade deles mesmos criarem seus próprios infográficos. Não obstante, em se tratando da questão ambiental, que é o recorte que queremos trazer neste artigo, existe pelo menos uma iniciativa que reúne na internet um catálogo bem variado de infográficos, chama-se Portal Planeta Sustentável e pode ser acessado no endereço virtual [http://planetasustentavel.abril.com](http://planetasustentavel.abril.com.br)

.br

/ . Nesse portal, mantido pela Editora Abril, temos acesso a uma gama de recursos de infografia dedicados à discussão de aspectos da crise ambiental e que foram publicados anteriormente em diferentes revistas da linha editorial em questão. Nesse sentido, é importante destacar que foi justamente o contato com esses materiais que nos inspirou pensarmos nos infográficos como dispositivo para práticas de educação ambiental. E é justamente sobre como pensamos nos valer destes recursos no contexto de uma pesquisa educacional que envolve temas como a juventude, as redes sociais e o meio ambiente que passaremos a escrever na sequência. 4 Infográficos e a noção de *dispositivo* na Educação Ambiental... Ou sobre como pensamos nos valer destes recursos visuais em uma pesquisa de educação ambiental Neste ponto, queremos apresentar e discutir uma atividade de educação ambiental que se insere no contexto do projeto de pesquisa intitulado "O Facebook® como território para práticas de Educação Ambiental: Construindo uma comunidade de aprendizagem on-line sobre meio ambiente" (CORREIA e PINTO, 2015). Assim, em primeiro lugar, pontuamos que a atividade em questão trata-se de uma oficina[iii] dedicada à reflexão coletiva sobre o uso potencial das redes sociais enquanto território privilegiado para favorecermos a discussão das questões socioambientais com as juventudes de nosso tempo. Nesta atividade, ao pensarmos em nos valer de infográficos como recursos para mediação dos processos participativos que serão inaugurados ao longo da pesquisa partimos da noção de dispositivo como uma estratégia capaz de fazer disparar narrativas e interpretações criativas acerca de uma determinada realidade. Explicamo-nos um pouco mais. Em nosso caso, tais dispositivos seriam os infográficos acerca da crise socioambiental que pretendemos usar no contexto da oficina de mobilização de voluntários para a comunidade de aprendizagem on-line sobre meio ambiente que desejamos constituir. Com eles e a partir deles queremos refletir sobre a possibilidade de darmos lugar a desvios e criações sobre temas socioambientais já bastante sedimentados pelos discursos que circulam no campo da própria educação ambiental, a exemplo das mudanças climáticas. Em termos teórico-metodológicos, é importante, ainda, mencionar que esta noção de dispositivo vem sendo proposta e discutida de forma muito mais abrangente no campo da educação ambiental por

outros educadores/pesquisadores (SAMPAIO e GUIMARÃES, 2012; SALGADO, 2012) aos quais nos reportamos. Mais uma vez, destacamos que assim como estes autores citados, também estamos interessados em articular em nossas práticas educacionais elementos da cultura e do ambiente, de tal modo que seja possível dar vazão a uma postura investigativa que privilegia a emergência de novos sentidos e experimentações ao redor das diferentes interfaces e leituras que as questões socioambientais apresentam e possibilitam no contemporâneo. Assim, voltando à atividade que desejamos apresentar neste texto, cabe-nos dizer que ela se caracteriza como a etapa inicial da pesquisa já mencionada e se desenvolverá, primeiramente, na forma de uma roda de conversa sobre as redes sociais, as juventudes e o meio ambiente em torno dos seguintes questionamentos norteadores: "Na sua opinião, qual(is) tema(s) ambiental(is) mobilizaria(m) muitos likes nas redes sociais?

Por quê?

" e "O que você faria para chamar a atenção nas redes sociais para um tema ambiental em específico?

". Para tanto, planejamos que será necessário que as cadeiras do espaço estejam dispostas na forma de uma "ferradura" ou "U", de tal maneira que na parte aberta desta "ferradura"/"U" tenhamos os equipamentos do espaço, em especial a tela, o projetor e computador que "fecharão" a roda de conversa. Nesta fase da oficina, a discussão deve ser guiada pelas questões norteadoras mencionadas. Cada participante terá à sua disposição placas de "Gostei" e "Não gostei" providenciadas pelo proponente e semelhantes à ferramenta de likes do Facebook, a partir das quais poderá interagir com os demais participantes demonstrando interesse ou não nas ideias que estarão circulando na roda de conversa. Na sequência, distribui-se cartões com infográficos em diferentes formatos que abordem em detalhes alguns dos problemas socioambientais mais discutidos na atualidade e com a seguinte questão: "De que forma esta questão socioambiental afeta a sua vida?

" A ideia é que cada participante escolha pelo menos um cartão para responder a pergunta proposta com um vídeo de até 1 minuto. Para gravar os vídeos, usaremos celulares dos próprios participantes e/ou uma câmara digital do proponente. Estes vídeos poderão ser divulgados na internet, a depender do consentimento dos participantes. Por fim, será realizada uma síntese dos diálogos estabelecidos e, então, os participantes serão convidados a integrarem o grupo do Facebook que será criado ou, em outras palavras, a comunidade de aprendizagem que será fomentada. Neste ponto, permitam-nos uma breve digressão para apresentarmos a nossa compreensão do conceito de comunidade de aprendizagem com a transcrição dos argumentos a seguir:

A partir de Maturana (2006) e Wenger (2000) podemos, deste modo, enxergar os processos de aprendizagem como resultado de interações que

os seres vivos em geral, e os seres humanos em particular, realizam com o meio ambiente e/ou com outros seres das comunidades das quais participam. Para além da conotação biológica do termo “comunidade”, falar em interações e em comunidades em nossos tempos digitais remete-nos invariavelmente aos espaços virtuais de convivência criados com base em novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Na realidade, para Pellanda (2009, p. 63), “as contribuições da obra de Maturana para a educação também podem ser pensadas para o mundo digital ou, mais especificamente, para a informática e para a educação a distância”. Já a obra de Wenger (2000, 2004) é exatamente dedicada a pensar as possibilidades de criação e manutenção de comunidades de aprendizagem a partir dessas tecnologias. Seria o caso, portanto, de considerarmos que as novas formas de interação entre as pessoas, tais como as redes sociais, também podem se alicerçar na cooperação e aprendizagem?

Certamente que sim, pois os espaços de convivência favorecidos pelas redes sociais podem, desde a teoria de Maturana, serem tomados como uma expansão das experiências conversacionais dos sujeitos epistêmicos envolvidos (MATURANA, 1999). Nesse sentido, Wenger, White e Smith (2009) corroboram com esta posição, ao afirmarem que a aprendizagem é o que direciona a maioria dos grupos que se organizam a partir de tecnologias digitais, mesmo que esta relação não seja de forma clara e intencional. Por isso, os autores acreditam que “boa parte do que faz as interações na internet serem atraentes e produtivas é a possibilidade de ‘aprender entre amigos’ em um processo de participação em comunidades de prática” (WENGER; WHITE e SMITH, 2009, p. 4) (*apud* CORREIA e PINTO, 2015, p. 4). Pois bem, uma vez esclarecida nossa compreensão teórica do conceito de comunidade de aprendizagem que está alicerçada sobremaneira nas obras de Maturana (2006, 2002, 2001, 1999 e 1992) e Wenger (2004 e 2000), queremos recuperar a dimensão operacional da oficina que estávamos detalhando. Nesse sentido, cabe ressaltar que antes de compormos o grupo de pesquisa, realizaremos uma leitura compartilhada de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que explicará em detalhes os procedimentos para a participação na fase seguinte da atividade, que se efetivará com a constituição de uma comunidade de aprendizagem on-line sobre meio ambiente como já explicado. Desse modo, ficará claro que a participação neste grupo será voluntária e sem custo

algun aos interessados, exigindo-se, no entanto, que os participantes possuam recursos para acessar a referida rede social, especialmente durante o período mínimo de convivência que iremos estipular coletivamente, e, principalmente, que estejam interessados em compartilhar, na forma de textos, imagens, vídeos e outras formas de expressão, concepções que possuam acerca da crise ambiental de nosso tempo e das suas consequências para a qualidade e continuidade da vida no planeta. Neste momento final, utilizaremos um computador com internet e um projetor para a realização da leitura coletiva do TCLE e, posteriormente, criação do grupo no Facebook com os participantes da atividade interessados. Com esta atividade, objetiva-se fomentar a cultura digital voltada ao exercício da cidadania ambiental, tomando por base os processos dialógicos inaugurados pelas discussões proporcionadas pela oficina, assim como os desdobramentos das trocas de saberes realizados na comunidade virtual que pretendemos criar. De fato, ao propormos esta atividade, acreditamos que os processos de formação têm muito que aprender com a cultura popular e a educação informal que os jovens praticam fora da escola, principalmente quando eles interagem “com as redes sociais, utilizando um paradigma solidário e colaborador em que cada um pode ser participante e coautor de todo o processo” (APARICI, 2012, p. 7). Assim, desde o campo da Educação Ambiental, no qual estamos inserindo esta proposta, esse pressuposto que adotamos se reflete em atividades acadêmicas sob a forma de um sincero interesse em pensar/propor práticas educativas capazes de multiplicar as maneiras de percebermos e narrarmos o ambiente e a nossa relação com ele (SALGADO, 2012), como já foi mencionado. Desse modo, talvez possamos dizer que a motivação maior que inspira esta proposta de pesquisa seja instigar nos participantes da atividade, a partir do encontro/diálogo com o outro, modos diferentes de sentir e entender as relações que eles mesmos travam com a natureza/ambiente, com as questões em torno dos problemas socioambientais do presente e as suas implicações para o futuro. Naturalmente, estamos cientes de que “ao lidarmos com as questões ambientais, no mundo contemporâneo, uma das grandes dificuldades é, justamente, chegarmos a pontos de consenso. Neste sentido, a ideia de estabelecer um intenso, radical e fraterno diálogo entre as pessoas envolvidas é um passo importante para a construção de alternativas de entendimento para, a partir delas, construir soluções aos

problemas enfrentados através de metodologias criadas num processo de diálogo, de conversação entre os participantes” (BARCELOS, 2012, p. 87-88). Ou seja, favorecer um encontro legítimo entre jovens conectados às redes sociais que demonstram preocupação com o meio ambiente tendo em vista a construção de alternativas aos desafios socioambientais por eles mesmos vivenciados é, portanto, a concepção central que atribui relevância social e acadêmica à proposição desta atividade. Para a consecução desse objetivo geral, como já argumentamos, desejamos lançar mão do Facebook, que tem sido tomado como território para práticas pedagógicas (PECHI, 2011; HART, 2014) das mais diferentes aéreas que vão desde o Ensino de Biologia (RAMIRO, 2015) ao Ensino de Filosofia (DANTAS, 2015), perpassando pelo estudo de línguas estrangeiras (SILVA e ROCHA, 2014) entre outras tantas possibilidades. Mas sendo todas elas, no final das contas, experiências baseadas em princípios como a cooperação e a interatividade. Aqui, portanto, reconhecemos que o ciberespaço tem ajudado a expandir experiências vivenciais das pessoas, inclusive, aquelas relacionadas com suas trilhas formativas ao longo da vida. De fato, a internet como um todo está hoje constituída a partir de ferramentas de colaboração que possuem potencial para se desdobrarem em novos ativismos, uma vez que estruturas como as redes sociais, por exemplo, favorecem a organização de coletivos e a emergência de processos de participação inovadores (COLL e MONEREO, 2010). É nesse contexto, portanto, que adentramos as redes sociais enquanto pesquisadores do campo da Educação com o objetivo de analisar as possibilidades destes ambientes virtuais para a inovação de práticas de educação ambiental que digam respeito ao perfil desses jovens urbanos marcadamente envolvidos pelas teias das relações virtuais no tempo presente.

### 5 Considerações finais

Para concluir este artigo, queremos evidenciar a pertinência de que realizemos uma reflexão sobre como os aspectos discutidos neste texto podem nutrir os horizontes da Educação Ambiental, particularmente naquilo que se refere ao caráter mobilizador das redes sociais, que poderia ser catalisado em desdobramentos como ações coletivas de enfrentamento das questões socioambientais... Por que não?

Como fazê-lo?

São questões que nos ocorrem diante do interesse investigativo que nos move a pensar sobre as redes sociais como território para práticas

inventivas de educação ambiental no contemporâneo. Como foi apresentado, pretendemos dar nossa contribuição a este debate com a realização da proposta de pesquisa que estamos construindo e que se alicerça exatamente na interação e participação do público a partir da comunidade de aprendizagem sobre meio ambiente que criaremos no Facebook para refletir sobre o uso potencial das redes sociais para práticas de Educação Ambiental voltadas ao engajamento das juventudes nas discussões ao redor das questões socioambientais. Nesta direção, cabe-nos por fim registrar que a ideia de elaborar infográficos sobre temas socioambientais importantes no presente (mudanças climáticas, desmatamento, injustiças ambientais, consumismo, lixo, biodiversidade, urbanização desenfreada, crise hídrica, agrotóxicos e saneamento básico) se mostrou bastante exequível e até aqui já foram produzidos 10 (dez) destes elementos gráficos que podem, ao nosso ver, proporcionar boas discussões na comunidade de aprendizagem sobre meio ambiente que criaremos. Logo, a próxima fase da pesquisa será justamente verificar como estes recursos serão recebidos pelos jovens participantes do estudo e de que forma eles funcionarão enquanto *dispositivo* de novas e insuspeitas discussões sobre os temas socioambientais mencionados e outros tantos mais.

**6 Referências** APARICI, R. Conectividade no ciberespaço. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Conectados no ciberespaço**. São Paulo: Paulinas, 2012. BARCELOS, V. **Educação ambiental: sobre princípios, metodologias e atitudes**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. – (Coleção Educação Ambiental). CAIRO, A. **El arte funcional: infografía y visualización de información**. Madri: Alamut, 2011. COLL, C.; MONEREO, C. Educação e aprendizagem no século XXI: Novas ferramentas, novos cenários, novas finalidades. In: COLL, C. et al. (Org.). **Psicologia da educação virtual: Aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação**. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 15-46. COLLE, R. La infografía de 'El Mercurio' de Chile. **Revista Mediterránea de comunicación [on-line]**, ano 1, n. 1, p. 1-24, 2010.

Disponível em:

<<http://>

[www.](http://www.rmedcom.org/2010/Colle2010.pdf)

[rmedcom.org/2010/Colle2010.pdf](http://www.rmedcom.org/2010/Colle2010.pdf)

>.

Acesso em: 2 dez. 2015. CORREIA, C. J. S.; PINTO, A. C. As redes sociais como território para a

educação ambiental: Inspirações epistemológicas desde Humberto Maturana e Etienne Wenger. In: IX Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade", Aracaju, 2015. **Anais...** Aracaju: UFS, 2015. DANTAS, R. C. O grupo do Facebook como um recurso didático em aulas de Filosofia. In: IX Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade", Aracaju, 2015. **Anais...** Aracaju: UFS, 2015. HART, J. 2014 Top 100 Tools for Learning: Results of the 8th Annual Survey of Learning Tools. **Centre for Learning & Performance Technologies**, 22 set. 2014.

Disponível em:

<[http://](http://c4lpt.co.uk/top100tools/)

[c4lpt.co.uk/top100tools/](http://c4lpt.co.uk/top100tools/)>.

Acesso em: 12 jun. 2015. HERRERA-SOLANA, V.; RODRÍGUEZ-DOMÍNGUEZ, A. M. Periodismo de datos, infografía y visualización de la información: un estudio de El País, El Mundo, Marca e El Correo. **BID: textos universitaris de biblioteconomia i documentació**, n. 34, p. 1-8, jun. 2015.

Disponível em:

<[http://](http://bid.ub.edu/es/34/herrero.htm)

[bid.ub.edu/es/34/herrero.htm](http://bid.ub.edu/es/34/herrero.htm)

>.

Acesso em: 2 dez. 2015. LANKOL, J.; RITCHIE, J.; CROOKS, R. **Infographics: The power of visual storytelling**. New Jersey: John Wiley & Sons Inc., 2012. LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál.**, Florianópolis, v. 10, n. esp., p. 37-45, 2007. MATURANA, H. **Desde la biología a la psicología**. 4. ed. Santiago: Editorial Universitaria, 2006. \_\_\_\_\_. Emoções e Linguagem na Educação e na Política. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. \_\_\_\_\_. Cognição, ciência e vida cotidiana. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001. \_\_\_\_\_. A ontologia da realidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. \_\_\_\_\_. El sentido de lo humano. Santiago: Ediciones Pedagógicas Chilenas, 1992. MINERVINI, M. A. La infografía como recurso didático. **Revista Latina de Comunicación Social**, La Laguna (Tenerife), ano 8, n. 59, p. 1-11, jan./jun. 2005. PECHI, D. Como usar as redes sociais a favor da aprendizagem. **Revista Nova Escola [on-line]**, out. 2011.

Disponível em:

<[http://](http://revistaescola.abril.com.br/formacao/redes-sociais-ajudam-interacao-professores-alunos-645267.shtml)

[revistaescola.abril.com](http://revistaescola.abril.com.br/formacao/redes-sociais-ajudam-interacao-professores-alunos-645267.shtml)

[.br](http://revistaescola.abril.com.br/formacao/redes-sociais-ajudam-interacao-professores-alunos-645267.shtml)

[/formacao/redes-sociais-ajudam-interacao-professores-alunos-645267.shtml](http://revistaescola.abril.com.br/formacao/redes-sociais-ajudam-interacao-professores-alunos-645267.shtml)>.

Acesso em: 21 jun. 2015. SALGADO, G. Educação ambiental como dispositivo: fotografia em cena. In: PREVE, M. H. et al. (Org.). **Ecologias inventivas: conversas sobre educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012, p. 299-312. SAMPAIO, S. M. V.; GUIMARÃES, L. B. O dispositivo da

sustentabilidade: pedagogias no contemporâneo. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 30, n. 2, p. 395-409, maio/ago. 2012. SANCHO, J. L. V. La comunicación de contenidos en la infografía digital. **Estudios sobre el Mensaje Periodístico**, v. 16, p. 469-483, 2010. SILVA, I. P.; ROCHA, F. B. Construindo comunidades virtuais de aprendizagem no Facebook. **Revista EDaPECI**, São Cristóvão, v.14, n. 1, p. 12-23, jan./abr. 2014. RAMIRO, A. Z. et al. O potencial da rede social Facebook no apoio e mediação das aulas de Biologia do 1º ano do Ensino Médio Politécnico da Escola Estadual de Educação Básica Leopoldo Ost. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, Santa Maria, v. 19, n. 3, p. 681-689, set./dez. 2015. WENGER, E. **Communities of practice: Learning, meaning and identity**. New York: Cambridge University Press, 2004. \_\_\_\_\_. Communities of practice and social learning systems. **Organization**, Londres, v. 7, n. 2, p. 225-246, 2000.

[iii] A oficina que será apresentada e discutida nesta seção do artigo foi selecionada pela Secretaria Nacional de Juventude para compor as atividades da Manifesta, a mostra cultural da 3ª Conferência Nacional de Juventude, realizada em Brasília, de 15 a 19 de dezembro de 2015.

[i] Biólogo, Museu de História Natural (UFAL). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECIM/UFAL). E-mail: carloscorreia1986@gmail.com

. [ii] Professora, Centro de Educação (CEDU/UFAL). Doutora em Educação (UFSC). Integra os Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECIM), ambos do CEDU/UFAL. E-mail: anamelea@gmail.com

Recebido em: 05/07/2016

Aprovado em: 06/07/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: